

Nasce a era do capital

Ana Paula Avanci Luglio (G – UEM)

Bárbara Eloise Valesi Lopes (G – UEM)

Marcos Roberto Leite (G – UEM)

Rodrigo César Marques (G – UEM)

REFERÊNCIA

LUGLIO, A. P. A. *et al.* Nasce a era do capital. In: **CADERNO DE ADMINISTRAÇÃO**. V. 13, N.2, p. 3-8, JUL/DEZ. 2007.

RESUMO

A Revolução Industrial é um assunto de fundamental importância para a introdução aos estudos sobre administração. Esse trabalho tem por objetivo, através da revisão de leitura, apresentar e explicar as idéias e os processos que antecederam e envolveram a Revolução Industrial, um acontecimento que transformou, não só os processos industriais e administrativos, mas toda a estrutura econômico-social da época, fundamentando-se a partir de então em uma liberdade econômica. O acúmulo de capitais, a transição da estrutura feudalista para a capitalista, a invenção e uso de novas ferramentas, a divisão do trabalho, primeiramente através das manufaturas e depois por meio das fábricas, o desenvolvimento da estrutura fabril, de novas fontes de energia e de novas tecnologias a todo instante são consideradas as principais causas da industrialização e que, posteriormente, trouxe como conseqüências o surgimento de mais uma classe social, denominada burguesia, a busca constante por novas descobertas e o desenvolvimento de novas técnicas para o gerenciamento administrativo.

Palavras-chave: Revolução Industrial. Processos industriais. Burguesia.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo, através da revisão de leitura, introduzir o leitor ao contexto da Revolução Industrial, especialmente nos quesitos que a antecedem, ou seja, explicar o ambiente e as idéias que proporcionaram o desenvolvimento dessa revolução. Lembrando que o termo Revolução Industrial foi e ainda é utilizado como um conceito histórico, que serve para designar o conjunto de transformações que alteraram a vida da Europa Ocidental durante a segunda metade do século XVIII e quase todo o século XIX. Transformações essas que caracterizam-se através substituição do trabalho artesanal pelo trabalho assalariado, baseado na utilização de máquinas que acabam por multiplicar o trabalho e aumentar a produção global, fazendo com que o capital organize as mais diversas atividades humanas.

2 NASCE A ERA DO CAPITAL

Durante o período do Renascimento a Europa vivenciou vários desenvolvimentos no campo científico, que ajudaram a acabar com as antigas crenças místicas empregadas pela Igreja Católica e que vieram a influenciar diretamente a Revolução Industrial, que iniciou-se na Inglaterra e se tornou um fenômeno internacional, tendo ocorrido de maneira gradativa a partir de meados do século XVIII e provocando grandes mudanças nos meios de produção, assim como nos modelos econômicos e sociais da época.

2.1 CAUSAS DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Entre os vários fatores que influenciaram essa revolução, os principais são: a transição do feudalismo para o capitalismo, o aperfeiçoamento das técnicas de produção, a expansão dos mercados consumidores e a liberação da mão de obra (CHASSOT, 1994).

De acordo com Prestes Motta e Vasconcelos (2004, p. 22) “o crescimento do comércio, a introdução de uma economia monetária e o crescimento das cidades a partir do século XIV enfraqueceram a economia feudal, baseada na terra e na baixa mobilidade social”, provocando o surgimento da burguesia, uma das principais classes sociais presente no período da revolução.

Já o aperfeiçoamento das técnicas fez com que o trabalho deixasse de ser realizado por uma única pessoa e passasse a ser dividido, ou seja, o trabalhador passou a dominar apenas uma única área da atividade, fazendo com que os artesãos perdessem a sua autonomia. Com a chegada de novas tecnologias e máquinas surgiram as fábricas nas quais todas as modernas máquinas tornaram-se propriedade de um capitalista (burguês). A produção fabril concorrendo com a artesanal levou esta a ruína (DERRY, 1986).

Além desses fatores, não podemos esquecer que sem o acúmulo de capital, a industrialização se tornaria quase impossível, uma vez que foram os investimentos realizados para a criação de novas tecnologias que possibilitou o desenvolvimento das manufaturas e das máquinas. Acúmulo esse que surgiu devido à exploração das novas colônias conquistadas, principalmente as americanas e africanas.

2.2 A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

A Inglaterra foi a primeira na industrialização, por ser o país que mais concentrava condições favoráveis para o desenvolvimento da produção industrial. Segundo Grimberg (1940, p. 32), “a Inglaterra era o país possuidor do maior comércio ultramarino, o país onde se acumulava o

maior número de capitais e onde as técnicas de créditos estavam mais avançadas”. Outro fator importante que propiciou o pioneirismo inglês foi as grandes reservas de carvão, um das principais fontes de energia da primeira fase da revolução e, também, o cercamento dos campos, que substituiu a antiga produção agrícola feudal pela criação de ovelhas, sendo responsável pela formação de um mercado fornecedor de matéria-prima têxtil (lã) e do primeiro grupo de operários formando por camponeses que, expulsos do campo, foram para as cidades em busca de outros meios de sobrevivência. É diante desse ambiente que “explode” a Revolução Industrial.

O que significa a frase “a revolução industrial explodiu”? Significa que a certa altura da década de 1780, e pela primeira vez na história da humanidade, foram retirados os grilhões do poder produtivo das sociedades humanas, que daí em diante se tornaram capazes de multiplicação rápida, constante, e até o presente ilimitada, de homens, mercadorias e serviços. Este fato é hoje tecnicamente conhecido pelos economistas como a “partida para o crescimento auto-sustentável”. Nenhuma sociedade anterior tinha sido capaz de transpor o teto de uma estrutura social pré-industrial, uma tecnologia e uma ciência deficientes, e conseqüentemente o colapso, a fome e a morte periódicas, impunham à produção. (HOBSBAWN, 2001, p.44).

A Revolução Industrial foi precipitada por uma nova doutrina econômica fundamentada no conceito de liberdade econômica, e pela invenção e uso de novas ferramentas, processos e máquinas para a manufatura de produtos de algodão e lã. As máquinas tornaram-se possíveis graças a uma nova fonte de energia – a máquina a vapor usando o carvão, um combustível fóssil (MEGGINSON; MOSLEY; PIETRI, 1986, p. 54).

Durante esse período ocorreu um enorme aumento da produtividade em função da utilização de novos equipamentos mecânicos e novas fontes de energia, que passaram a substituir a força animal e humana.

Nos países onde a produção cada vez mais e o comércio era uma grande fonte de lucros havia um grande incentivo à pesquisa técnica. Sobretudo na Inglaterra, onde foram aplicadas significativas somas de capital no financiamento do trabalho de inventores. O objetivo era criar um mecanismo que imprimisse ao trabalho uma velocidade impossível de ser alcançada por uma pessoa.

No século XVIII a Europa vivia uma revolução no conhecimento que se expandiu também para a técnica e produziu um grande número de inventores. Juntando-se o espírito investigativo da época e o interesse burguês em aumentar o comércio, é compreensível que um dos setores que mais benefícios receberam dessa revolução técnica tenha sido a indústria de produção de bens, principalmente aquelas que produziam artigos de boa aceitação nos mercados europeu e asiático.

Os avanços técnicos seguiam buscando o aumento da produtividade. Um dos primeiros setores a sentir a necessidade de expansão da produção foi o da indústria têxtil. Esse setor ressentia-se da baixa produtividade porque não conseguia atender a demanda por tecidos de algodão e porque sofria a concorrência de tecidos produzidos no Oriente, onde os artesãos tinham muita habilidade e fiavam muitas vezes mais rapidamente que os europeus. Por isso os capitalistas promoveram o desenvolvimento de máquinas que tornassem o trabalho europeu tão veloz quanto o asiático.

As máquinas industriais foram criadas para baratear os custos e para ampliar as margens de lucro. Muitas foram as invenções e aperfeiçoamentos realizados no século XVIII no setor industrial, mas o símbolo que serve de marco divisor - antes e depois da máquina - é a máquina a vapor, aperfeiçoada por James Watt em 1769. O vapor já era usado como força motriz, mas os sistemas existentes possuíam falhas que não permitiam usar toda a força gerada pelo vapor da água. O sistema criado por Watt corrigiu os desvios existentes, acabando com os desperdícios de força.

Com a solução do problema da força motriz, o aperfeiçoamento das técnicas industriais ganhou grande impulso. As máquinas invadiram todas as áreas da produção e esse processo ainda não terminou; a tecnologia industrial continua avançando (PETTA; OJEDA, 1999, p. 118).

Alguns historiadores dividem a Revolução Industrial em duas fases. Ainda de acordo com Hobsbawm (2001), a primeira fase ocorre aproximadamente entre 1760 e 1860, tendo como país sede a Inglaterra e, posteriormente a Bélgica e a França. O setor que mais se modificou foi a área têxtil, principalmente na área ligada ao algodão e a lã. Nesse período o ferro foi o material de maior importância, enquanto que a vapor se tornou a maior fonte de energia. O capitalismo é extremamente competitivo, predominando nas relações econômicas o capital industrial.

Já a segunda fase, para o autor, data de 1860 até os dias atuais, devido as grandes inovações que acontecem a todo instante, além disso, essa fase é marcada pela expansão da revolução que se espalhou para a Alemanha, Estados Unidos, Japão e os demais países do planeta. Os materiais básicos deixaram de ser o ferro e passaram a ser os aços e os sintéticos, sem contar que devido a utilização da eletricidade e do petróleo como fontes de energia, os setores predominantes passaram a ser o petroquímico, o siderúrgico, o eletro-eletrônico e o automobilístico. Ocorreu também uma fusão do capital industrial com o bancário, tornando o capitalismo monopolista.

2.3 AS CONSEQUÊNCIAS DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Segundo Cláudio Vicentino (1994), com a Revolução Industrial, o capitalismo atingiu a sua plena maturidade, combinando o progresso tecnológico com a supremacia social da burguesia. Esse dinamismo econômico e industrial, iniciado na segunda metade do século XVIII, foi acompanhado pela ampliação das desigualdades sociais. À rica e poderosa burguesia contrapunha-se uma massa miserável e explorada de trabalhadores industriais. Esse quadro socioeconômico motivou inúmeras correntes de pensamento, tanto defensoras do progresso da forma que então se apresentava, como outras, favoráveis a uma revolução para por fim às desigualdades sociais. Acrescentavam ao lema iluminista da igualdade política, o lema da igualdade econômica entre os cidadãos.

A Revolução Industrial concentrou os trabalhadores em fábricas. O aspecto mais importante foi esta separação: de um lado capital e meios de produção (instalações, máquinas, matéria-prima), do outro o trabalho, tornando os operários assalariados dos capitalistas (ARRUDA; PILETTE, 1997).

“O excesso de população - seguida pelo êxodo rural - é que respondia pela grande massa dos desempregados concentrados nas maiores cidades, o que proporcionava ao empresário capitalista burguês um grande contingente de mão-de-obra por um preço irrisório. A consequência disto, como todos sabemos, é o começo da fase do ‘Capitalismo Selvagem’, onde existe uma intensificação generalizada da exploração humana por parte dos detentores emergentes dos novos meios de produção, fato que, por sua vez, gera inúmeras reações

violentas em todo continente europeu por parte dos trabalhadores explorados e desempregados.” (GALVEAS, *on-line*, 2006).

As condições de trabalho são as mais duras possíveis, pois não existe qualquer limitação de tempo. Trabalhava-se enquanto a claridade do dia permitia, ou seja, até 15 ou 16hs por dia nunca se descansa, nem mesmo aos domingos; a supressão da maioria das festas religiosas, dias santificados sob o Antigo Regime reduziria ainda mais as possibilidades de repouso dos trabalhadores impossibilitando a prática de observar os Mandamentos e contribuindo para descristianização (REMAND, 1976, p. 106).

Não podemos esquecer que, a maior das conseqüências da revolução, foi a grande inovação das técnicas industriais que possibilitou avanços tecnológicos nunca imaginados anteriormente e que ainda provoca, nos dias atuais, uma enorme busca por novos conhecimentos e tecnologias. Sem contar que influenciou diretamente nas questões administrativas, pois as mudanças ocorriam muito rapidamente, dificultando uma avaliação da situação e colocando os administradores diante de situações nunca enfrentadas anteriormente.

Em pouco tempo o novo sistema fabril tornou obsoletas as atividades de produção e distribuição em uso na Europa naquela época. Porém, não mudou necessariamente a teoria e prática da administração. Os empresários tomaram consciência de problemas que não tinha tido antes do surgimento do sistema fabril. Mas na maioria dos casos não percebiam o relacionamento entre o ambiente que se modificava e suas atividades, nem compreendiam a natureza dos novos problemas da administração. [...] O desempenho das atividades gerenciais, que se baseavam em regras práticas ou métodos de ensaio e erro, tornou-se cada vez mais carente de exatidão e eficiência. Assim, os administradores tinham de confiar em seu próprio julgamento, sua intuição e seus registros contábeis para remediar os problemas críticos imediatos, porque não podiam considerar o longo prazo. Interessavam-se principalmente pelos problemas de máquinas, material e equipamentos e não pelas atividades gerenciais em si (MEGGINSON; MOSLEY; PIETRI, 1986, p. 55).

Desta forma fica evidente como a Revolução Industrial trouxe conseqüências para todas as áreas, mas principalmente para as técnicas de administração, já que modificando as bases da atividade, que é a forma de produção, foi necessário modificar também a forma como se gerência essas atividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após os estudos realizados a respeito da Revolução Industrial, chegamos a conclusão de que o modelo feudal que era essencialmente agrário entrou, gradativamente, em decadência, cedendo lugar ao comércio internacional em larga escala. Os grandes latifundiários (senhores feudais), assim como toda a estrutura feudal, entraram em declínio, possibilitando o surgimento da burguesia industrial.

A Revolução Industrial trouxe inúmeras transformações econômico-sociais que consistiam em ampliar os limites de suas relações comerciais e desenvolver mercados em outros continentes. Para que essa expansão se tornasse possível, as regiões, principalmente da Inglaterra, passaram a desenvolver com maior rapidez novas tecnologias, assim como a utilização de seus recursos minerais e suas fontes de energia. E para controlar essas inúmeras transformações foi necessário modificar a forma de administração, passando a se preocupar muito mais com a atividade gerencial.

O êxodo rural, uma das conseqüências da Revolução Industrial, possibilitou a existência de mão-de-obra barata e abundante. Nesse contexto de grandes inovações, expansão dos meios de produção, a grande maioria das pessoas aglomerou-se nas cidades em busca de melhores condições de vida. Esse fato proporcionou às indústrias um grande contingente de mão-de-obra. A partir disso os administradores precisaram preocupar-se também com a gerência de pessoas.

As tarefas da administração multiplicaram-se à medida que foi acontecendo o desenvolvimento industrial, foi preciso a adaptação ao novo ambiente de rápidas mudanças, fim da previsibilidade, necessidade de inovação e visão empresarial.

Por isso a importância da pesquisa sobre os fatos históricos. Conhecer melhor a Revolução Industrial, suas causas e conseqüências, facilita a compreensão da evolução dos processos administrativos.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, José Jobson de; PILETTI, Nelson. **História geral**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1997.

CANONICE, Bruhmer Cesar Forone. **Normas e padrões para elaboração de trabalhos acadêmicos**. 2. ed. Maringá: EDUEM, 2007.

CHASSOT, A. **A Ciência através dos tempos**. São Paulo: Moderna, 1994.

DERRY, T.K. **História de la tecnologia**. México: [s.n.], 1986.

GALVEAS, Elias Celso et al. **A revolução industrial**. Disponível em: <http://www.maxpages.com/elias/A_Revolucao_Industrial>. Acesso em: 19 ago. 2006.

HOBSBAWM, Eric J. **A era das revoluções: Europa 1789-1848**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

MEGGINSON, Leon C.; MOSLEY, Donald C.; PIETRI, Paul H. Jr. **Administração: conceitos e aplicações**. São Paulo: Harbra, 1986.

MOTTA, Fernando C. Prestes; VASCONCELOS, Isabella F. Gouveia de. **Teoria geral da administração**. 2. ed. São Paulo: Thomson, 2004.

PETTA, Nicolina Luiza de; OJEDA, Eduardo Aparício Baez. **História: uma abordagem integrada**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 1999.

REMAND, René. **O século XIX, 1815 – 1914**. 2. ed. São Paulo: Cultrix.

VICENTINO, Cláudio. **História memória viva: idade moderna e contemporânea**. [S.l.]: Scipione, 1994.